www.psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento produzido em 20.09.2015

LACAN E A FENOMENOLOGIA: NOTAS SOBRE O ESTÁDIO DO ESPELHO

2015

Adriana de Albuquerque Gomes
Psicóloga. Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Mestre em Comunicação Social.
Doutoranda em Filosofia com pesquisa financiada pela CAPES, Brasil

E-mail de contato:
drastf-ms@yahoo.com.br

RESUMO

Tomando como referência a fenomenologia, o artigo propõe uma reflexão sobre a teoria lacaniana da imagem – conhecida como «estádio do espelho» – procurando demonstrar como, no início de seu percurso intelectual, notadamente nas décadas de 30 e 40 do século XX, Jacques Lacan se aproxima do idealismo fenomenológico transcendental, ao defender a função informativa da imagem.

Palavras-chave: Jacques Lacan, imagem, psicanálise, fenomenologia.

O MUNDO OBJETIVO NAS LENTES DA FENOMENOLOGIA

Em suas cinco lições sobre a ideia de fenomenologia, pronunciadas em Göttingen, no ano de 1907, Husserl (1986, p. 41) sustenta que o mundo existe como tal e que o conhecimento que dele temos consiste em um fato natural, na medida em que é uma «vivência de seres orgânicos». No conjunto, esse conhecimento também se caracteriza como um fato psicológico, pois é a consciência que doa sentido aos objetos da realidade e, em última análise, os constitui. Para o filósofo, seria possível constatar, portanto, uma correlação entre vivência cognitiva, significação e objeto.

Aproximando-se de Kant, Husserl vê na subjetividade a fonte da objetividade, isto é, no seu entender, haveria um *apriori* estrutural e ideal da experiência. Todavia, o transcendental, em

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

Husserl, não se opõe ao empírico, tal como pode ser verificado na filosofia crítica kantiana. Assim, à diferença de Kant, Husserl enfatizará constantemente a importância da facticidade, do sensível e da corporeidade, sobretudo na última etapa de sua trajetória filosófica, quando passa a refletir sobre a experiência concreta do sujeito.

Especificamente a esse respeito, Sartre (2005, p. 9) comenta que Husserl afirma categoricamente que «não se pode dissolver as coisas no interior da consciência». E isso porque a consciência e o mundo são dados simultaneamente. Por conseguinte, ainda que o mundo seja exterior à experiência consciente, ele é, por essência, relativo a ela. É o que Husserl expressa com a famosa frase: «Toda consciência é consciência *de* alguma coisa» e que Heidegger interpreta como «ser-no-mundo». Donde se pode concluir que subjetividade e objetividade seriam indissociáveis. Logo, os objetos se apresentam à consciência humana, e esta, por sua vez, precisa existir como consciência de outra coisa além de si mesma, o que se torna possível por meio da intencionalidade consciente, isto é, pelo fato da consciência visar a objetos que não ela própria.

O problema associado a essa teorização – não discutido por Sartre, é preciso salientar – é que, na obra husserliana, a subjetividade transcendental parece quase idêntica à subjetividade empírica, ou melhor, à subjetividade psicológica, ainda que o fundador da fenomenologia, como bem salienta o filósofo francês, tenha sido um grande crítico do que se costumou denominar como «psicologismo» na Alemanha de seu tempo. Só desse modo podemos compreender, então, porque Husserl (1962, p. 209) enuncia que «a psicologia e a filosofia transcendental são aparentadas uma a outra de modo inseparável». A isso, o autor acrescenta a unidade psicofísica formada pela consciência e pelo corpo. Entenda-se, porém, que, para Husserl, é inadmissível que a filosofia seja dissolvida na psicologia, ou, melhor, absorvida por essa ciência a ponto mesmo de desaparecer.

Assim, para não resvalar no «psicologismo» – isto é, no que ele julgava como uma audácia da psicologia em querer substituir, ainda que de modo parcial, a filosofia no cenário intelectual do começo do século XX – e, também, para não correr o risco de aderir a um antropologismo, Husserl admite a existência de um ego transcendental que não se confundiria com um ego natural, empírico, mas que, em última instância, nunca deixaria de ter como referência a subjetividade humana. A ideia central do filósofo alemão é de que a vida cotidiana seria ingênua, quer dizer, dominada pelo que ele considera como uma «atitude natural». Daí a necessidade de se operar a redução transcendental, ou seja, de se neutralizar os juízos habituais para se chegar a um ego purificado da relação com o mundo. Uma proposta metodológica que só pode ser explicada a partir do pressuposto de que é pela atividade subjetiva que o mundo adquire sentido para o homem, já que pela intencionalidade operar-se-ia a abertura do sujeito à concretude de tudo o que estaria dado desde sempre na existência.

Por esta razão, nas *Investigações Lógicas*, Husserl (1968) propõe que a filosofia volte «às coisas mesmas», libertando-se do olhar egocêntrico inaugurado por Descartes no Ocidente. Mas, por outro lado, é necessário considerar que a redução, ao colocar em suspensão o ego natural,

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

favorece o surgimento do ego transcendental, o qual, em última análise, possibilita, paradoxalmente, um conhecimento mais apropriado do mundo como tal. Mundo esse cujo sentido, não se deve negligenciar, será sempre atribuído pela subjetividade. É assim que Husserl radicaliza o ponto de partida de Descartes e que a fenomenologia, longe de consistir em um simples método, transforma-se, pois, em uma atitude teórica perante tudo aquilo que existe. Conclui-se, então, que o que está em jogo na fenomenologia husserliana é a gênese do objeto a partir do sujeito e que esse modo de reflexão idealista teve importante impacto em autores de outros campos do conhecimento, tal, como, por exemplo, é o caso de Jacques Lacan, autor que, muito antes de enunciar a materialidade do significante, trabalhou, no início de sua trajetória intelectual, com a questão do sentido.

Mas é preciso compreender, como bem sublinha Dosse (1993), que, nos anos 50 do século passado, a filosofia francesa encontrava-se dominada pelo projeto fenomenológico, o qual atribuía à subjetividade uma preponderância manifesta. Nessa perspectiva, enquanto o existencialismo sartriano colocava em primeiro plano a ideia de uma consciência transparente em si, coube a Merleau-Ponty conduzir o projeto de Husserl a um diálogo com as ciências humanas, de modo que fosse possível trabalhar com a questão do sentido.

Aqui, uma ressalva se faz necessária. Miller (2002, p. 20) argumenta que, embora não seja correto afirmar que a psicanálise lacaniana descenda de Husserl, Lacan, ao teorizar sobre as duas vertentes do simbólico, isto é, sobre as vertentes da significação e do sem-sentindo, aproxima-se, de certo modo, da fenomenologia, e isso se dá quando o autor coloca o acento na primeira vertente, ainda que seu ensino evolua em direção à segunda. Acontece que, ao contrário da fenomenologia, a qual toma a categoria da consciência como axial, Lacan será fiel a Freud, sustentando, por conseguinte, a centralidade do inconsciente na vida psíquica. É nessa linha de raciocínio que o autor inaugura seu ensino na década de 50 do século passado apostando na psicanálise como uma prática desveladora dos sentidos ocultos. Assim sendo, no primeiro semináro, dedicado à interpretação dos escritos técnicos de Freud, ele afirma:

> Mas, quando interpretamos um sonho, sempre estamos em cheio no sentido. O que está em questão é a subjetividade do sujeito, nos seus desejos, na sua relação com seu meio, com os outros, com a própria vida. Nossa tarefa, aqui, é reintroduzir o registro do sentido, registro que é preciso reintegrar ao seu nível próprio (Lacan, 2009, p.10).

Tal como Merleau-Ponty que, segundo Dosse (1993, p. 61), assumiu o desafio de ampliar a razão de modo a descobrir o que a precede e a excede, abrindo «o campo filosófico à inteligibilidade do irracional, sob a dupla figura do louco e do selvagem», Lacan, ao propor o

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

retorno a Freud, procurava demonstrar como o sujeito do inconsciente ultrapassaria o domínio puro e simples da consciência. Todavia, nem sempre foi assim. Em 1938, antes de se tornar psicanalista, Lacan chegou mesmo a repreender a noção freudiana de «inconsciente», expressando, inclusive, sua desaprovação à interpretação freudiana do complexo de Édipo, para sugerir, como alternativa, uma teoria da imagem que, a seu ver, seria mais viável para dar conta do problema da gênese da realidade humana.

Aliás, a propósito, cabe mencionar que a admiração de Lacan por Freud somente se aprofunda no final da década de 40 e que, antes de dar início à meditação sobre o Eu, o foco de Lacan consistirá, primeiramente, na articulação entre personalidade e sociedade e, posteriormente, nas interações humanas no interior de um mesmo universo afetivo-cultural. Antes de 1950, o que se pode constatar é, pois, um autor com um amplo conhecimento acerca das doutrinas sociológicas e filosóficas de seu tempo. Nesse horizonte, ainda permanecem pouco claras as afinidades entre Lacan e a fenomenologia. Destarte, rastreando brevemente os primeiros passos do itinerário lacaniano, é sobre esses aspectos que versarão os tópicos adiante.

LACAN E A REALIDADE HUMANA

Na tese de Medicina de 1932, em que se trata, dentre outros temas, da gênese da personalidade, a ênfase sobre o ponto de vista social já havia sido posta pelo Dr. Lacan. Neste texto que o introduziu como intelectual de primeira grandeza no cenário francês, o autor não apenas argumenta que a subjetividade humana estruturar-se-ia no interior das relações do Eu com o Outro, mas, ressalta, principalmente, a importância do modo como tais relações seriam vivenciadas ao longo do tempo e da maneira como o sujeito se sentiria afetado por elas. Em tal contexto, a realidade psíquica não seria paralela à realidade sociocultural, mas, sim, interligada a ela. Desse modo, na concepção lacaniana, o meio humano só poderia ser, na verdade, «o meio *social* humano», ou seja, a personalidade definir-se-ia como «a totalidade constituída pelo indivíduo e por seu meio próprio» (LACAN, 1980, p. 337). Essa posição será mantida e ampliada pelo autor em 1938, em um texto publicado originalmente na *Encyclopédie Française*, no qual ele escreve que «é na ordem original de realidade constituída pelas relações sociais que convém compreender a família humana» (LACAN, 2003, p. 33).

Prosseguindo nessa direção, Lacan procura igualmente se afastar da psicologia metafísica, para a qual o Eu permaneceria sempre uno, simples e idêntico. Assim, defendendo a ideia de que a consciência seria o conceito menos seguramente delimitado pela psicologia de sua época, Lacan aponta a necessidade de elaboração de uma ciência positiva da personalidade. Mas não apenas isso. Ainda que Lacan insistisse no valor de uma análise objetiva da subjetividade humana, tal análise só se mostraria satisfatória se pudesse tocar em questões inerentes a uma teoria do conhecimento.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

Isso porque, ainda como psiquiatra, ele já considerava a existência de um «antropomorfismo primordial de todo conhecimento», o qual poderia ser identificado tanto na criança, quanto no primitivo. Todavia, naquela etapa de seu percurso intelectual, Lacan já expressava a seguinte interrogação: «Em que medida as funções intencionais do Eu e as primeiras definições objetais elas mesmas se engendram de um modo análogo»? Uma dúvida que, logo adiante, é reformulada por Lacan nos seguintes termos:

> [...] a questão que se impõe é saber se todo conhecimento não é primeiramente *conhecimento de uma pessoa* antes de ser *conhecimento de um objeto* e se a noção mesma de *objeto* não é na humanidade uma aquisição secundária (LACAN, 1980, p. 326, grifos do autor).

Em específico, para Lacan, os sintomas mentais da psicose seriam «*fenômenos do conhecimento*» (*Ibid*., p. 338, grifos do autor). Nesse contexto de ideias, Lacan tem como hipótese que os estudos sobre as psicoses discordantes, isto é, aquelas ainda pouco conhecidas pela psiquiatria de então, poderiam lançar uma nova luz sob essa temática. Isso porque, do mesmo modo como a compreensão das psicoses não deveria prescindir de uma definição rigorosa dos fenômenos da personalidade, a psiquiatria, ainda que baseada em correlações orgânicas, não poderia escapar da «preocupação sobre o homem». Donde se pode concluir que, para Lacan, uma ciência do psicológico teria como base necessária uma antropologia filosófica.

É dentro desses parâmetros, então, que, quatorze anos após a defesa de sua tese, Lacan, em *Formulações sobre a causalidade psíquica*, confere à loucura um estatuto ontológico. Sob tal perspectiva, o autor defenderá que a loucura concerniria ao próprio ser do homem. Ora, já aqui podemos identificar não apenas a assunção de uma posição totalmente oposta à sustentada por Descartes, para quem a razão seria definidora do humano, mas, principalmente, uma estratégia de ultrapassagem do pensamento moderno como um todo. Tanto é que Lacan recupera um trecho da primeira Meditação para demonstrar, a partir de Descartes, que, na experiência da loucura, a relação do sujeito com o corpo próprio e com a autoimagem encontrar-se-ia profundamente alterada. A passagem transcrita por Lacan (1999, p. 161) é esta:

> E como eu poderia negar que estas mãos e este corpo me pertencem, a menos que eu me compare a alguns insensatos, cujo cérebro é tão perturbado e ofuscado pelos negros vapores da bile que eles asseguram constantemente serem reis quando são extremamente pobres, estarem vestidos de ouro e púrpura quando estão totalmente nus, ou, então, imaginam serem cântaros ou terem um corpo de vidro? Mas, o quê! São loucos e eu não seria menos extravagante se me pautasse em seus exemplos.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

Quer dizer, Lacan retoma Descartes com o intuito de explicitar o ponto no qual o fundador da modernidade filosófica se detivera e indicar, imediatamente a seguir, que seria precisamente desse ponto que a contemporaneidade deveria partir. Mas, por que esse privilégio concedido à loucura? O argumento central é simples: o estudo da loucura teria interesse para a elaboração de uma nova teoria do conhecimento. Sob tal perspectiva, ela poderia mostrar ao filósofo, seguramente muito mais do que ao médico, «uma estrutura constitutiva do conhecimento humano». Não é sem razão, portanto, que Lacan saudará com tanto entusiasmo a *Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty. A seu ver, essa obra teria demonstrado magistralmente que a experiência vivida deveria ser considerada antes de qualquer objetivação. Lacan defenderá, então, que a história do sujeito decorreria de uma série de identificações ideais e que, nesse contexto, o risco da loucura medir-se-ia pela atração das identificações nas quais o homem engajaria seu ser. Quer dizer, a causalidade da loucura deveria ser buscada no período mais arcaico da estruturação psíquica, ou seja, naquele anterior à constituição do Eu e ao qual Lacan outorga um sentido existencial, por corresponder a uma fase de «miséria original» em que o homem experimentaria a morte, antes de ser capaz de refletir sobre ela. Seria, portanto, em função desse período – no qual se constataria a incompletude do desenvolvimento do neuro-eixo durante os seis primeiros meses de vida – que a maturação mais célere da percepção visual adquiriria um valor antecipatório. Disso decorreria a prevalência da estrutura visual no reconhecimento da forma humana. Mais radicalmente, essas primeiras escolhas identificatórias da criança, não determinariam outra coisa a não ser «essa loucura pela qual o homem se crê homem». É assim, então, que o homem seria «muito mais que seu corpo», mas, simultaneamente, não teria acesso a seu ser. E isso em virtude do primeiro efeito da imagem sobre um ser humano ser um efeito de alienação do sujeito, já que é no espelho do outro que ele vai necessariamente se identificar. Portanto, com forte «sotaque» hegeliano, Lacan afirmará que o desejo do homem só pode se constituir sob o signo da mediação e que sua liberdade se confunde, assim, com o desenvolvimento de sua sujeição à alteridade.

Sob tal perspectiva, Lacan irá repreender Freud por ter formulado os efeitos psíquicos do complexo pela via da noção «inerte e impensável» de inconsciente. Indo além, naquele momento, Lacan considerava imprescindível renunciar ao uso da palavra «inconsciente» para designar aquilo que se manifesta na consciência. E, de igual modo, o autor expressa sua desaprovação ao modo arriscado segundo o qual Freud teria interpretado sociologicamente o complexo de Édipo. A seu ver, esse complexo não teria surgido com a origem do homem, mas tão somente com o advento da família patriarcal, o que, por outro lado, não retiraria seu valor liminar e de fechamento de um ciclo psíquico. No entanto, mesmo reconhecendo a importância do complexo de Édipo para a instituição normal do «sentimento de realidade», Lacan insistirá mais uma vez que é sua construção do «estádio do espelho» a mais adequada para responder ao problema da gênese psicológica da

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

estrutura inerente ao mundo humano. No diagnóstico lacaniano, nada separaria o Eu de suas formas ideais.

A TEORIA LACANIANA DA IMAGEM

Um recuo no tempo permite observar que em um importante trabalho publicado por Lacan no ano de 1936, cujo título é *Para além do «princípio de realidade»*, Lacan (1998), fiel à ideia de que a psicanálise teria operado uma revolução no campo dos estudos psicológicos, argumenta que seu valor de via pioneira só poderia ser compreendido pela elucidação das conjunturas nas quais a psicologia reinante daquele período se encontrava. A essa psicologia baseada na concepção associacionista do psiquismo, faltava, segundo o autor, positividade. E isso por alguns motivos. Primeiro, por fundamentar-se no conceito mecanicista de engrama, bem como no de ligação associativa do fenômeno mental. Segundo, por receber tais conceitos esvaziados da reflexão que eles comportariam. Terceiro, por reduzir as atividades superiores a complexos de reações elementares. Quarto, por retomar, no campo da psicologia, os mesmos problemas presentes na filosofia, como, por exemplo, a assimilação do fenômeno da alucinação à ordem sensorial, tornando-a, por conseguinte, em uma situação na qual se evidenciaria um «erro dos sentidos».

Mas, por certo, é na abordagem do conceito de imagem – «fenômeno extraordinário» que Lacan julga ser o mais importante da ciência psicológica – que o associacionismo revelaria de fato sua insuficiência, visto que, para essa doutrina filosófica, a imagem não passaria de uma sensação enfraquecida, sendo, portanto, reduzida a uma função de ilusão. Ora, é justamente em relação a esse «empobrecimento intelectualista» que o associacionismo conferia à imagem que Lacan procurava se rebelar. Isso porque, na ótica lacaniana, seria por meio das imagens que o Eu e que a própria realidade humana seriam constituídos. Lacan irá enfatizar, então, a função *informativa* da imagem, bem como o papel ativo do sujeito na organização da forma da experiência. Mas não apenas isso. Em *Formulações sobre a causalidade psíquica*, Lacan (1998) ressalta que o simbolismo do pensamento teria seu suporte na percepção visual e, para melhor elucidar essa questão, o autor toma de empréstimo um termo de Husserl – *Fundierung*, ou seja, fundação. Quer dizer, o conhecimento humano do mundo estaria ancorado na imagem e tal relação seria, para Lacan, uma relação fundante. Acontece que, segundo o autor, sua leitura psicanalítica teria ido além ao propor uma concepção existencial do fenômeno da imagem, por demonstrar que a incompletude neurofisiológica da espécie humana teria adquirido, na percepção visual, um valor de antecipação funcional.

É desse mesmo ponto de vista que, na década de 30 do século passado, no texto intitulado *Complexos familiares*, Lacan (2003) afirma que os seis primeiros meses de vida de um sujeito humano seriam marcados por um mal-estar diretamente relacionado ao caos das sensações extero-

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

, próprio- e interoceptivas, experimentadas pelo *infans* no contato com a realidade, e à falta de maturidade da organização postural, tônica e equilibratória típica do estado pós-natal do homem. Ora, Lacan verá nessa característica da espécie humana, ou seja, no que ele denomina como sua «insuficiência vital», uma «deficiência biológica positiva» e isso em virtude do comportamento humano, à diferença do comportamento animal, não ser regido por instintos, o que, por um lado, permitir-lhe-ia uma pronta adaptação ao meio, mas, de outro, torná-lo-ia estereotipado, ou seja, sem uma margem ampla de variação. Assim sendo, para Lacan, a ordem humana seria definida, portanto, pela «subversão de toda fixidez instintiva». Por essa razão, para explicitar os fatos psíquicos presentes na família humana, ele trabalhará, então, com a noção de complexo, a qual, a seu ver, melhor corresponderia à insuficiência congênita das funções vitais no homem. Todavia, se na obra de Freud, o complexo havia sido definido como fator inconsciente, Lacan prefere, na década de 30 do século passado, vinculá-lo a noção de imagem.

No campo da fenomenologia francesa, essa relação delicada, estabelecida pela teoria lacaniana entre complexo e imago, não passou despercebida de Merleau-Ponty (2001, p. 109), que nela detectou, em seus cursos ministrados na Sorbonne no período compreendido entre 1949-1952, uma tendência de substituição do conceito de inconsciente pelo de imaginário. No entender do filósofo, essa seria uma estratégia de renovação da psicanálise adotada por Lacan naquele momento de sua produção teórica.

Lacan (2003) dirá, pois, que, no homem, é por meio de uma regulação cultural que os complexos são condicionados. Destarte, mesmo uma ligação tão estreita quanto a que une a mãe a seu bebê jamais poderia ser explicada pelo recurso ao instinto. Nesse ponto, para melhor expor sua tese, Lacan irá se basear na constatação de um fenômeno biológico comum à classe dos mamíferos: a lactação como modo essencial de alimentação no início da vida. O autor argumentará, então, que, enquanto nos animais o instinto materno demonstra ser interrompido no momento em que o processo de aleitamento alcança seu término, nos humanos o desmame corresponderia à formação de uma imago da relação que o *infans* estabelece com sua nutriz. No complexo do desmame, não caberia, portanto, a noção de instinto materno, mas, sim, de sentimento materno. Representando «a forma primordial da imago materna», ele seria, por conseguinte, «o mais primitivo do desenvolvimento psíquico», já que responsável pela fundação dos «sentimentos mais arcaicos e mais estáveis que unem o indivíduo à família» (*Ibid*., p. 36). Trata-se de um «estádio anterior ao advento da forma do objeto», marcado pela ausência de um Eu e, logo, pela falta de reconhecimento do corpo próprio, bem como do que lhe seria exterior. Em continuidade, Lacan propõe o complexo da intrusão, o qual representa a ocasião em que o sujeito primitivo se apercebe de que partilha suas relações familiares com um ou mais semelhantes, ou seja, quando ele vivencia a situação de ter irmãos. É nesse momento específico que se esboça, segundo Lacan, o reconhecimento de si e de um outro *como* objeto, isto é, como rival. Chegamos, portanto, a uma etapa da gênese da subjetividade que o autor batizou com o nome de «estádio do espelho» e que,

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

na sequência do desenvolvimento do *infans*, seria localizada na idade aproximada de seis meses. Logo, se até então predominara a experiência afetiva e mental que dava o corpo como «despedaçado» – que de maneira assaz interessante Lacan correlaciona à vivência de uma realidade também submetida a um despedaçamento perceptivo – de agora em diante, o reconhecimento, por meio de uma «intuição iluminativa», da própria imagem no espelho possibilitará ao sujeito a conquista de sua «unidade afetiva», a qual se tornará «fonte de energia de seu progresso mental». É assim, portanto, que Lacan (*Ibid*., p. 48-49) nos expõe o que ele considera como sendo a «estrutura arcaica do mundo humano». Mas o autor não deixa de salientar que, esse mundo, na verdade, ainda não contém o outro e isso em virtude da percepção da atividade do semelhante, por si só, não ser suficiente para «romper o isolamento afetivo do sujeito». Desse modo, será apenas a partir da instituição de uma situação triangular, ou seja, pela introdução de um terceiro objeto nesse «mundo narcísico», que o sujeito poderá encontrar simultaneamente o outro e o objeto socializado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com sua teoria da imagem, Lacan indica, portanto, o papel basilar desempenhado pelos complexos familiares na gênese do Eu, na medida em que, na sua interpretação, seria propriamente pela relação familiar que o objeto poderia se constituir. De maneira ainda mais radical, ao definir o narcisismo como «a forma psíquica na qual se compensa a insuficiência específica da vitalidade humana», Lacan (*Ibid*., p. 48) faz perceber, sobretudo, que a relação do sujeito com a realidade seria, em essência, narcísica. Uma conclusão que o autor obtivera a partir de sua investigação das psicoses, já que essa patologia mental ter-lhe-ia possibilitado evidenciar os estádios do Eu anteriores à forma final adquirida pela personalidade. As psicoses caracterizar-se-iam, pois, por uma alteração na gênese normal do objeto. Daí que nelas os objetos apareceriam transformados «por uma estranheza inefável». Temos aqui, portanto, o esboço de uma teoria do conhecimento em que o conceito de imago se revela fundamental.

É preciso ressaltar, por fim, que Bento Prado Jr. (2003, p. 237) viu na teorização lacaniana da imagem um aspecto que verdadeiramente apontava para a «vocação filosófica» do psicanalista parisiense, na medida em que sua obra seria marcada por uma «decisão de ligar, de maneira indissociável, a teoria analítica à problemática da *constituição* ou da determinação dos objetos enquanto tais, herdada do pensamento alemão», na tradição iniciada por Kant e que culmina em Husserl. De acordo com Prado Jr., a ideia de constituição seria fundamental para o projeto lacaniano de dissolução de uma série de antinomias que, na visão do autor, estariam dificultando o bom andamento da teoria psicanalítica naquele momento específico. Mas, se as considerações anteriores resumem o essencial de uma provável aproximação da teoria da imagem lacaniana à fenomenologia, não menos significativo é o fato de Lacan (1999, p. 117) fechar a década de 40

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

apontando, de modo análogo a Husserl, «os abusos do *cogito ergo sum*» no texto intitulado *A agressividade em psicanálise*.

E agora, retomando o alerta colocado por Jacques-Alain Miller (2002), segundo o qual Lacan não poderia ser visto como um adepto do idealismo husserliano, fundamental se faz sublinhar, então, que a psicanálise lacaniana irá se opor terminantemente a qualquer filosofia oriunda do *cogito*, por entender que o Eu não deveria ser tomado como referência para a prática clínica. Assim é, portanto, que Lacan distancia-se profundamente da atitude fenomenológica.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOSSE, F. (1993). **História do estruturalismo, v. 1**: o campo do signo, 1954-1966. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas.

HUSSERL, E. (1986). **A ideia da fenomenologia**. Trad. Artur Morão. Lisboa, Edições 70.

_____. (1962). Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendentale Phänomenologie. **Husserliana**, v. 6, Haag: Martinus Nijhoff.

_____. (1968). **Logische Untersuchungen**, v. II/I. Tübingen: Max Niemeyer.

LACAN, J. (1980). **De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité**. Paris: Éditions du Seuil.

_____. (1946). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. p. 152-194.

_____. (1936). Para além do «princípio de realidade». In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. p. 77-95.

_____. (1946). Propos sur la causalité psychique. In: _____. **Écrits I**. Nouvelle édition en poche. Texte integral. Paris: Éditions du Seuil, 1999. p. 150-192.

_____. (1948). L'agressivité en psychanalyse. In: _____. **Écrits I**. Nouvelle édition en poche. Texte integral. Paris: Éditions du Seuil, 1999. p. 100-123.

_____. (1938). Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: _____. **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 29-90.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

_____. (2009). **O seminário, livro I:** os escritos técnicos de Freud. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

MERLEAU-PONTY, M. (2001). **Psychologie et pédagogie de l'enfant**. Cours de Sorbonne 1949-1952. Édition établie par Jacques Prunair. Lagrasse:Verdier.

MILLER, J.- A. (2002). **Percurso de Lacan:** uma introdução. Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

PRADO JR., B. (2003). Lacan: biologia e narcisismo ou A costura entre o real e o imaginário. In: SAFATLE, V. (Org.). **Um limite tenso**: Lacan entre a filosofia e a psicanálise. São Paulo: Editora UNESP.

SARTRE, J.-P. (2005). Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: l'intentionnalité. In: _____. **Situations philosophiques**. Paris: Gallimard. p. 9-12.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt